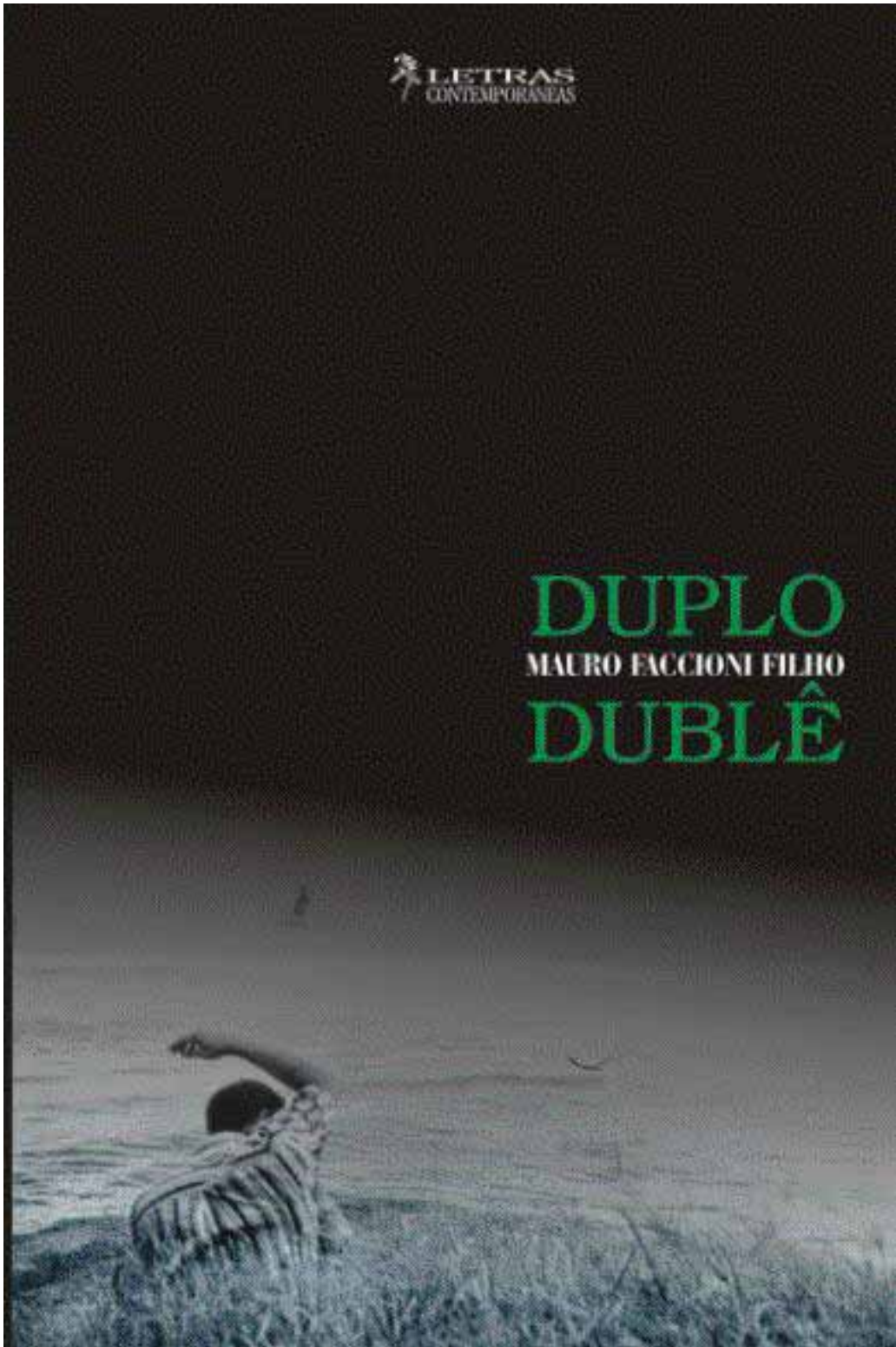


LETRAS
CONTEMPORÂNEAS

DUPLO
MAURO FACCIANI FILHO
DUBLÊ



D U P L O

D U B L Ê

© 2002, MAURO FACCIÓNI FILHO

Florianópolis – SC
Editora Letras Contemporâneas
ISBN 85-85775-80-7

A linguagem é um labirinto de caminhos. Você entra por um lado e sabe onde está; você chega por outro lado ao mesmo lugar e não sabe mais onde está.

WITTGENSTEIN

Índice introdução.

Algo já se comentou sobre o que há de estranho nesses poemas. E aderindo a essa estranheza organizou-se esse conjunto na forma de um ensaio demonstrativo, como apresentado nas seções abaixo.

- 1** Percepção, luz & sombra.....
- 2** Teoria dos duplos, diferenciais & integrais.....
- 3** Ensaaios, aplicações & resultados.
- 4** Conclusões & perspectivas.

*Há um lugar onde o Estranho
caminha numa terra hostil.
Ali ele nada pode requerer.
E se andar sozinho,
até a língua pode desaprender.*

1

Percepção, luz & sombra

QUANDO AS BOLAS DE FOGO ROLARAM PELO CÉU

#1

o escuro penetra o silêncio
o silêncio penetra o escuro

um raio de luz rasga o silêncio
o silêncio é esta vala da luz

silêncio absoluto e eterno
ainda não há tecidos azuis

nem o céu iluminado, redoma de vidro
ou bolas brilhando num azul profundo

o que está atrás desta face oculta?
elas vagam soltas, e vem a luz!

está inscrito no seu corpo e no meu
como a marca que muda e que retorna

também está escrito: *sou teu, és meu*
e somos todos esta coisa só

novamente vamos! seguremos as mãos
que nas forças desta imensa criação

estão retidos também os olhos fechados
e o lento e frio apagar das luzes

#2

rolando, rolando, e o ventos
mudam o rumo desta bola

rolando, rolando, e uma garra
pela primeira vez subiu ao céu

e logo depois uma outra
com o hálito cobrindo o horizonte

rolando, rolando, deita-se a árvore
sob os pés da tempestade

eis de novo este raio de luz
infrator, delator, fabricante

das nossas peças móveis e frágeis
dançando sob as ruínas do dia

*vamos homens! caminhem ainda
calçando nos pés as botas de lama*

*caminhem mais e sem descanso
calçando olhos de sereno e pó*

e eis que UM DELES ousa
pela primeiríssima vez, e lento

subir o olhar para o céu
escorado sobre as pernas estanques

e ousa mais (pela primeiríssima vez)
soltar um som rouco, rolando

rolando desde a barriga, desde o sexo
rolando para a língua quente

(e virgem como a primeiríssima vez)
abrindo os lábios para a água da chuva

*senhor dos céus, governante das dores!
quem és tu, quem sou eu?*

#3

assim, quando o pasto ficou quieto
e o rumor dos animais era um gemido

assim, quando veio a sombra da noite
e o vento calmo deitou no chão

leveí meus olhos para o campo
e sua pele era esse campo

as primeiras marcas tremeram
as primeiras ondas começaram a dança

e alguém, na sua imensa solidão
olhou mais uma vez para o céu vazio

quando bolas de fogo rolaram pelo céu
enchendo de luz e de vida o sereno frio

O DESTINO DISSE

aqui estou eu frente ao Destino
de joelhos
com a face nua, olhos lavados
e sozinho
espero o sol ir-se para entrar
no escuro desse diálogo

aqui, apenas com perguntas e imagens
e umas páginas em branco
nesse estreito entreolhar
sem distâncias

mas

ele não sabe o que dizer, apenas
um gesto sobre o outro
e mais outro, e mais outro
construindo um Tempo e dizendo:
esse é O seu,
e este O meu

DE MÃO DADAS

encheremos juntos o vazio
ninguém ficará de fora
não temos asas
não somos fogo

vasculharemos o precipício
penetrando no labirinto
não somos luz
não temos voz

seremos só o que seríamos
vivendo onde é o ausente
não temos dentro
não somos nós

CAMINHO PARA A MONTANHA DAS PALAVRAS

caminho para a montanha das palavras
tateando o mapa de meus pais
(este gemido – este som das grutas)

caminho com os olhos cravados
(este som perdido e sem sentido)
mirando no topo e com os olhos firmes

não está no campo da mirada
não está no ângulo ou na vontade
não está no desejo ou na esperança

essa massa esse corpo essa nuvem densa
cujos braços rolam lentos pela mata
mordendo os lábios e sugando os ventos

montanha de palavras – desejo solar
caminho entre sombras como o menino
para esmolar algumas gotas de carinho

ELES VIVERAM PARA CONQUISTAR

eles viveram para conquistar
e uma meta é uma meta
eles viveram para conquistar
e uma glória é uma glória
o espaço não é o tempo
o tempo é ele só

eles viveram por conquistar
e o agora é o agora
sob seus olhos há a mesa
onde a conquista é o pó
doces meninos que vagueiam
e o vazio é a vitória

eles são apenas pessoas
fracassam sim, como todos
e viveram sem compreender
a misteriosa geometria:
planos, pontos, curvas
(saberiam, mas não têm)

LEVANTEI

levantei com uma vontade de morrer
 (como num sonho, caindo das alturas)
então alguém me chama pelo nome

levantei com a vontade do silêncio
 (afundando com os olhos fechados)
então o sol mostra-me a faca

luto, quero a chance de cair
 e sobre o peito as mãos trançar
(sou feito de pó e esquecimento)

ninguém, nesta rota sem passado
 terá de mim uma caixa de lembranças
(no fundo do rio estão rolando as pedras)

levantei com uma vontade de morrer
 nem mãos nem vozes me alcançam
(então a hora me chama pelo nome)

LÁ

lá está a floresta baixa
um metro sobre a areia
o caminho se bifurca
e adiante se divide
lá à frente outra vez
divisões ininterruptas

lá está a areia alta
um metro sob a mata
estradas que se cruzam
abre a adiante fecha
a junção a certeza
a dúvida a fresta

A UMA NOVA VIDA

entrei no seu quarto para o pouso de uma noite
os quadros na parede

não pude dormir – como dizem os literatos –
as idéias me assaltavam

o apito do trem, o bebê e os
seus olhos na foto curva

dizem que na vida existem fatos recorrentes
há um rio que passa mas que não torna

lembrei dos seus livros, poucos, desde a infância
perambulando em caixas e aspiradores

esteja certa do amor, porém o só
é o que pulsa para que a nova vida seja

OBTUSOS COMO PÓ

uns olhos fundos obtusos como pó me vasculhavam
veio a música lenta ritmada então dançamos
costas tão lisas adivinhei um sutiã inexistente
junto ao ombro aquele hálito de hortelã
desci as mãos fui para o canto a luz fugiu
lá embaixo ossos duros pequena bunda
mudou a música ela me olhou continuamos
cem quilômetros toda a volta é um deserto
pouco sentimos até o momento que tudo acaba
a música se vai ela sai para o banheiro
meio sem jeito caminho pelo salão
primeiro olhar os seios bolas de algodão
ela volta traz consigo dois guaranás
mas já é hora bebemos tudo ela se vai
meu tempo é zero meu espaço nulo o chão é pó
cem quilômetros o deserto quer preenchimento
fujo de mim não guardo imagem não sinto cheiro
resto de sombra e boa dose de esquecimento

MARÇO

o tempo acelerando seus passos
 olhei para seus olhos como a primeira vez
olhei fundo, corpo sobre o corpo
 para gravar, antes que o chicote
estalasse ondas pelo ar

não queria perder o instante
 que o forte rio não solta
não queria largar os lábios
 que a vida, imune, processa
não queria deixar os gestos
 desse dia perdido no tempo

DUALIDADE DA LUTA

omelete entre os escombros
cacos de tijolo pelo chão

a vida tem sentido quando acaba
sobre o fogo rola o corpo distraído

telhas saltam – bombas zunem
e nos une o silêncio entre os estalos

papéis rasgados – assinaturas antigas
olhos azuis vagando entre os vapores

do chá de menta – ou camomila
frio das cinco horas da tarde

e seu convite de amor entre os estrondos
facas de ardor – colheres de açúcar

sapatos raspam a areia seca
o fio da lâmina na chaga aberta

corisco que roda em câmera lenta
e um céu de chumbo nos acoberta

folhas pálidas – rajadas de vento
vacilam entre as metralhadoras

cintilando os fogos de artifício
e cobertas de pêlo abafam os ruídos

que têm sentido – fora e dentro
sobre os tecidos – dentro e fora

gotejando na boca dos pedidos
que um último perdão implora

POR TRÁS DO VIDRO NEGRO

por trás do vidro negro acenou-me
vindo de vinte anos num piscar
as margens dos ombros – os lábios largos
os dedos curtos faiscando em volta dos olhos
lembrei-me dos peitos murchos e todos os projetos
as esperanças que nutria como fábulas
que não sabia prender – sequer arranhar
e agora esta bela e robusta imagem
um corpo potente que avançou pelas bandeiras
com uma história de identidade turva
um amontoado de tijolos sobre os percalços
aquela mistura de soluços e lembranças
para agora este tronco vibrante e idêntico
a si – ao sol que brilhou numa festa
quando houve um laço e uma parada
um ponto – uma foto sempre retirada do bolso
na última hora – e na primeira hora
agora – ali – atrás de um vidro escuro
acenando

MEU SOLDADO

também sou como esta pedra
 anônima no campo de batalha
ardendo em chamas e em balas
 dobrando os joelhos e as lágrimas

esconda-se atrás de mim !!nada valho...
 como uma casca contra o tempo
para você guardo só o amor...
 leve para casa este pouco que se acaba

mas vá ! e ande logo ! por favor
 meu tropeço é um soluço
como o primeiro que ergueu os olhos para o céu
 faço deste fim o seu começo

NO PRINCÍPIO

o que será dele quando a lua cheia
atravessar as nuvens densas e um
dragão de fogo mover as garras pelo céu?

no quarto frio de uma noite fria
fotos pregadas pela parede e um
gesto repetido – a herança – a sucessão

o que será dele quando durante a manhã
cruzar a brisa fria no silêncio e um
chamado soar vindo de lugar nenhum?

VER-O-PESO

não está o céu a me rachar a cabeça
grandes precipícios não se abriram sob os pés

fui até o museu para ver o peso
para que o silêncio dos guardas me cobrisse

fui descer as palavras para um túmulo
e manter distância de teus dedos perseguidores

de teus seios repletos em fotos e capas
de tua pele por toda parte quente

quis pisar o mármore dos séculos
uma poeira que já estivesse esquecida

e entre uma luz e outra – ali tu estavas
resgatando meu corpo entre desejos

cada parede, cada dobra, cada joelho –
estou preso – e não ousou chamar isto amor

li que um outro cara também assim sentia
mas sou apenas um animal pequeno

COMO É DIFÍCIL

lá no quarto de cima
a mulher dorme coberta de pesadelos

e os cabelos trançam sobre os olhos
a escuridão da noite sem retorno

(você vê como é difícil??)

vim para me dizer
as chamas arrastam até nossos planos

vim para provar, para convencer
quando já não há o que sustentar

e quando você voa com os peitos suspensos
massas redondas

e entre as coxas espreme delicadamente
um gemido

(você vê como é difícil??)

ARDE

este zumbido constante em baixo tom
este vapor suado e lento no ar
esta luz vermelha atrás da neblina
esta pálpebra pesada e o olhar que pede
você tem forças para encarar ?
este músculo teso e os dedos trêmulos
este jogo de olhos diante das massas
estas bolhas pequenas no canto da boca
esta voz rouca de uma caverna escura

este zumbido constante e lento no ar
este vapor suado em baixo tom
esta luz vermelha e o olhar que pede
esta pálpebra pesada atrás da neblina
você tem forças para encarar ?
este músculo teso diante das massas
este jogo de olhos e os dedos trêmulos
estas bolhas pequenas de uma caverna escura
esta voz rouca no canto da boca

SURDO

a água ondulando na piscina
sob o golpe da mão

fútil como as rodas do carro
deslizando gordas sobre a rua

alguém acena da janela
bandeiras ondeiam na sombra da tarde
o avião parte (dez mil quilômetros)

tijolo sobre tijolo, frascos
estão acumulados nas caixas

palavras vão escritas nas cartas
temos a sede de um contato
fútil, pois temos poucas respostas

queremos enganar um pouco
queremos um ruído de lembrança

para afirmar – para colocar
uma opinião – um gesto

uma oração sagrada para este
que não ouve ninguém

ELE É SUPER

ele sempre foi super
quando encontrou sua amante
numa lanchonete distante
e disse *é minha amiga*

um dia o vento soprou leve
os eucaliptos vibraram
uma pipa subiu ao céu
nossos olhos cruzaram na rua
sem dizer palavra alguma
assim o tempo passou
criando novas cartas
que nenhum dos dois escreveu

ele sempre foi super
construiu um templo sagrado
onde as luzes dançaram
ao som de um bolero
e os mamilos desenharam
o que ambos ajoelhamos a implorar

super, a imagem de um gigante
que desde a altura da montanha
olhou-me, e suplicou-me
e destinou-me ao mar entre piratas
para arrancar o tesouro da resposta
uma síntese entre a beleza da mulher
e este rio do tempo ao lado
entre os olhares tensos pela rua
e um gesto, um toque eterno

hoje damo-nos as mãos
embalados por uma promessa
que nós mesmos criamos

ele sempre foi super
tremendo o olhar nas minhas costas
quando era fraco e avancei só
estando escrito em sua testa
estou só também, e já não sou menino

EPPUR SI MUOVE

a pele ardendo pelo sol da praia
estou muitíssimo cansado
mochila nas costas e a mulata esplendorosa
faisca ao final da tarde

unhas estragadas, vestidos novos
minhas mãos curtidas no detergente
sou sereno, sou um resto de serenidade
no pó das ruas com meus pobres irmãos

no apartamento a mulher grita
mas quem reina é o silêncio e a lentidão
de um seco e vazio sol sobre as montanhas
está morto, como eu (porém se move)

2

Teoria dos duplos, diferenciais & integrais.

ser o dublê de si
ser o duplo do só
dublar o ser em si
estar onde está só
cereal dublê do pó
duplo dublê de mim

PRIMEIRO PRINCÍPIO DA DUALIDADE

sentei para escrever um poema e escrevi outro
sob os lençóis se mexeram seus pés nus

num livro – entre duas folhas – faltou a palavra
que na manhã seguinte estampou os jornais

a gota de sêmen – a peregrina lenta
enquanto aviões cruzaram o céu azul

a mesma rua que guardava em uma lembrança
surgiu numa manhã – bem longe da sua origem

e as placas estavam nos mesmos lugares marcados
mas vieram escritas numa língua estranha

sofrendo pela avalanche de perguntas sem respostas
você veio tocar-me a nuca sussurrando

e o que começou de um jeito acabou de outro
queimando verdades e véus e se apagando

SEGUNDO PRINCÍPIO DA DUALIDADE

o menino desenhou uma placa mostrando
que tudo em volta era proibido

sorrisos ardearam a sala e até
as luzes piscaram sob o temporal

alguns tentaram desenhar o brilho
que nos olhos floream sob a noite escura

e atravessando os dias e os anos
uma compreensão tomou forma

como numa prova onde não há fim
nem início – e estampado em mim

permanece seu pequeno segredo – contado
numa densa madrugada de insônia

SINAL IGUAL

ligado a alguém por uma última linha
por uma linguagem aos pedaços
restos de palavras

ligado a alguém por uma rede de olhos
por uma pergunta suspensa
sombras e suspeitas

ligado tão forte, como uma equação
cujos dois lados se unem
pelo igual

ligado por um fiapo de esperança
um toque leve, um desafio
descarrilando

ligado como se agora fosse o fim
por uma força além
antes de ir

MATEMÁTICA DO FUGAZ

sua mão fechada cabe
na palma da minha em concha

experiência com espelho na varanda
reflete a luz do sol sobre o pó

ergue os olhos para o alto
nuvens desenham e ventos apagam

a esfera gira no silêncio
presa às forças do equilíbrio

ponto a ponto, linha a linha
atravessando o tempo de um dia

olho para trás e vejo a frente
geometria do imenso e do pequeno

uma só idéia um só desenho
dois nos unirmos por um momento

TEOREMA DA IMUTABILIDADE

"Modificações espaciais e alterações temporais são fenômenos aparentes".
M. Borghini.

então a esteira rolou bem lentamente
e o cenário circular correu no fundo

então luzes irradiaram brilhos ofuscantes
enquanto outras morriam ao final do dia

então sua face cruzou a minha
num fundo de paisagem estática

quando então se viu que era a mesma face
quando então se viu que a paisagem é fixa

assim se desdobrou um dia e mais o outro
sendo que a dor era um canto iluminado

então alguns tombaram e outros levantaram
mostrando a mesma face e uma mesma cena

então se repete o que não se move
senão um carrossel onde luzes se alternam

então você ousou gritar um não
e traços rebeldes cortaram os loucos olhos

foi quando uma vez mais a volta completou
e de bem longe se viu que nada mudou

TEOREMA DOS NÚMEROS PERPLEXOS

subindo de carro um aclave suave
máscaras, nuvens, propagandas com pequenas letras
e pessoa alguma pela rua
pensei *parece que estou lá na minha terra*
e mesmo que o sol esteja mais inclinado
e eu não possa entender a língua que dizem
vagueio subindo e descendo como um ás
desbastando os campos e os ares
que não pertencem a mim ou a ninguém

lá uma garota acena para algo
vestida em calças brancas justas torneadas
e o vento em volta dela delinea
como uma faca do desejo e da tortura
um clarão de forças, um grito rouco
para dizer que *não és minha* (e não sou tua)
ela abre as asas nesse país distante
e me penetra com um longo olhar
enquanto some pelos frisos da floresta

soam os sinos, invadem as cornetas
e as filas de coxas se sucedem
na desordem das multidões e dos claro-escuros
estudei a trajetória dos planetas, e os astros
guardam sempre os olhos sobre mim
mesmo que perdidos há muito pelo tempo

estudei os movimentos, o desejo da posse
a força da atração e repulsão dos corpos
e mesmo o calor do impulso que esfria
onde estava uma coisa estava a outra
e mesmo que estivesse em Um estava em Todos
o olhar era longo, lento e azul

o motor do carro apagou, desci na calçada fria
tateando no entardecer as ferramentas falsas
que não podiam me ajudar
as poucas vozes que ouvi vieram do rádio
que num ritmo de luta e de agonia
procuravam um ouvido redentor
mesmo que distante, no escuro, e solitário

PRIMEIRO TEOREMA DA ENTROPIA

vínhamos pelas estradas do sul
os raios iluminando o leste
o negro da noite manso e quieto
paramos o carro na beira
para olhar no telescópio

astros distantes vagando calmos
em velocidades alucinantes
uns pra longe dos outros
e pequenos corpos sem luz
sempre atrás e faltando um pouco

um ponto no passado, um início longe
de onde eles fogem como loucos
até um dia retornar, de joelhos
trazendo nas mãos as últimas luzes
lacradas pelo sétimo selo

uns meninos distraídos nas montanhas
desciam pelas pedras
cantando a canção da infância
e nas mãos de um o pequeno pássaro
fecha os olhos e descansa

no microscópio os pontos se agitam
e os garotos olham sem compreender
as minúsculas vidas na lâmina
e a imensa lua fria e insone
vibrando de prazer como em chamas

então densas nuvens nos conduzem
para o silêncio de nossas questões
e seus olhos encontram os meus
faiscando nesse silêncio
implorando a mim algo de meu

algo que esteja além desta batalha
algo que esteja além deste rangido
que vença o tempo uma vez só
mas trêmulos nossos corpos não se tocam
nem seios, nem lábios, nem mesmo a voz

SEGUNDO TEOREMA DA ENTROPIA

resistindo, resistindo
nas pedras as ondas batem

resistindo, resistindo
venha, os braços estão suspensos

as espigas de trigo deitam
aos rudes carinhos do vento

seus pés deixaram as marcas
na areia banhada de espuma

venha, não resisto mais
o músculo cede, o sol queima

e enquanto giram os olhos sob a órbita
vagam secos os pensamentos

gravidade, as leis da atração
a força magnética nos dirige

e sob o rastro da luz que passa
se desencontram nossos olhares

TERCEIRO TEOREMA DA ENTROPIA

o pano leve de algodão
 ia roçando seus mamilos

no escuro os olhos saltitavam
 o mormaço enchendo as camisas

vento na janela do carro
 suas palavras e olhos me rondando

lentos em seus passos
 mulheres e homens pela rua

vagando em um sexto sentido
 atentos para o último gesto

e na curva que não se esperava
 no fim do tempo, num ponto

(anônimo)

já se encontram, já se reduz, já
 se resumem todas as forças

 e as

gotas de chumbo derretido
 entre as cinzas da fogueira

orvalho cintilante da manhã
 asas recolhidas, penas

pousadas nos dedos da criança
 um broto, um ramo, um beijo

foi da expansão até o último suspiro
 quando renasce, de um pulso

a inflamar aquilo que não vemos
 do início ao fim, do fim ao início

TEOREMA DO PRINCÍPIO DA INCERTEZA

não entendo para quê estamos vivendo
e de manhã abrir os olhos para o escuro
seguir andando a construir os fatos
dar as mãos, olhar nos olhos, tragar

e para quê estamos atentos às árvores
que jogam as folhas fora e depois renascem

sob a jornada do dia nos concentramos
irresolutamente a entregar o que nos foi dado
para enfim alcançar a noite e reencontrar
aquele símbolo da existência chamado amor

e para quê este trajeto cíclico e incontornável
se a cada dia ganhamos algo e perdemos outro
juntando na memória o que se dá por vida

como um ramo solto pelo campo
uma ave tonta, um animal ferido
vagando desde o nada e para o nada

e se (e se!) algo mais houvesse, uma surpresa
um contraponto que já não compreendemos
um destaque, um para quê inexplicável,
qual é, mesmo assim, esse mar em que boiamos
com os olhos pregados no céu azul ?

ENIGMA DECÁDICO

fomos juntos subir no muro
que distribui o tempo

você vinha da sua casa
tinha largado as tarefas

eu vinha de banho tomado
espuma enchendo as orelhas

seus dedos cintilaram as teclas
papéis tocados de ardor

lá de cima nos olhamos
próximos, hálito nos cílios

e

em frente a nuvem do futuro
envolta pelo vento

pássaros arriscam suas asas
! tiros ! rajadas ! flechas

nas costas nosso passado
as luzes simples dos espelhos

sobre o muro rompe a festa
cabelos lágrimas suor

lá em cima nos tocamos
frágeis, enquanto descíamos

EXATAMENTE

sobre a hora triste
não se deve falar

sob a hora triste
só se deve calar

exatamente nela
e justamente nela

há o que há
um busto uma figura

uma partida um mar
mais além – cego

mais aquém – nego
justamente ali

somente ali
um fecho um fim

ali é o súbito
um campo um vasto

um dentro um lastro
mato, pasto afim

na hora triste
exatamente assim

QUINZE ANOS

a beleza tem quinze anos
cinco mil quinhentos dias
um sobre outro mais
construção da passagem
e como tal, vai-se

a beleza tem quinze anos
amanhã será reflexo
ontem virtual
porém hoje é imagem
e como tal, quase

FACE

tracemos agora um caminho
desconexo e descozido
para fazer ver a todo mundo
que nós só temos nossa face

uma face crua, bruta, seca
que frente a frente é muito
uma frente dura, justa, oca
que face a face é única

3

Ensaio, aplicações & resultados.

A TODOS ELES OBRIGADO

já acabou o tempo dos drogados na poesia
criando sua imagem de flagelo
vomitando entre as esquinas
deixando no onírico o leito perfeito

já acabou o tempo dos bêbados na poesia
escrevendo torto em linhas retas
imitando deus entre bravatas
travando a língua no aguardo do perdão

já acabou, não adianta reclamar
o rio se foi, os raios foram
a noite desceu forte como um manto
enquanto deuses gregos se trucidavam

foi-se o tempo dos que choravam
e havia lágrimas molhando o caminho
salgando os mares, turvando os fatos
criando frestas para deixar rastros

já acabou o tempo dos visionários na poesia
que aos poucos juntam dinheiro
para comprar a última faca
que pudesse cortar seus pulsos

já acabou o tempo dos suicidas e dos loucos
que inundaram de luzes
o campo minado das dores
enquanto diziam aos gritos *por favor !*

já acabou o tempo dos secos e concretos
que como os magros e as pedras
recolheram-se sob a última gota
de espera e de esperma de uma meta

já acabou, não adianta reclamar
as nuvens foram, o rio não é o mesmo
como heráclito já o havia dito
e o hábito de borges o repetido

já acabou o tempo das bichas doidas
chorando o destempero de um tempo
incompreensão de uma época, a dor
de ter-se ao lado, mesmo que atrás

já acabou o tempo dos poetas de conquista
que sob a rude máscara dos versos
conduziram doces bocetas para o leito
mentindo prazeres, amores e doces eternos

quem ainda pode acreditar que continuam ?
a não ser os perversos
os tristes feitos de matéria inglória
a não ser os duros corpos de cada dia

já acabou o tempo, quem pode acreditar ?
e agora os músculos se amontoam
sob os escombros nasce a pele dourada
e pujante como uma bandeira trêmula

quem pode acreditar ??

ESTOU ARRASADA

sorri para esta meiga criatura
 por ter feito sentir-me um objeto
e luzes roxas vagaram como estrelas
 ofuscando as sombras das cadeiras
suspiros vagos nas orelhas
 e lantejoulas floreando o secreto
sabor da carne suando ao vento

sorri porque me disse uma graça
 e abanou o membro de um cavalo
fazendo da noite um lote de dinheiro
 onde se guardam perfumes em frascos
de plástico fino sob luzes fracas
 e agradei por ter-me dado um trato
largando-me depois de um olhar de asco

ele fez o certo, acho que é um gênio
 mesmo que não saiba ou não suponha
arrastando-me pelos panos e fazendo ver
 uma gota d'água, um grão de areia
amarrando-me a boca e rasgando a fronha
 para eu saber quão pequena eu sou
só um objeto infeliz chorando à toa

LIÇÃO DE CÁLCULO
(ou O MARQUÊS EM TWIN PEAKS)

este galpão perdido no mato
escondido no silêncio da noite
veio do filme dos montes gêmeos

esta loira de cabelos firmes
a contar nos dedos os machos doidos
correntes vindas dos quatro cantos

*mandei pintar as paredes de roxo
luzes negras em giro síncrono
seguindo a música em sua síncope*

correntes nas pernas correntes nos braços
voando nua sobre as cabeças
um a um, em fila, no ato

*os quatro de uma vez !! enquanto
você, eunuco, sentado no canto
retrate a cena e me cante os números*

diâmetros, comprimentos, fôlegos
mantendo pares e simetrias
a mão inteira como no quadro

repetir e treinar, enfiar e tirar
ela quer babar a última gota
olhos postos no relatório

*o marquês suportou cento e cinqüenta
a carne é massa isenta de dor
nada tão seco quanto violento*

*estou espremendo o último leite
meus peitos empinam a última dose
(...e agora o sono é para os justos)*

A STAR IS BORN

assim, vinda de dentro do seu reduto
forte com o que o conhecimento lhe deu
resolveu ser famosa acima de tudo

e com sessenta e quatro, número mágico na cabeça
traçou seus planos para oito dias de breu
dizendo ao seu belo corpo *me obedeça!*

oito homens cada dia, em oito horas comerciais
posando para fotos trepou, chupou, bebeu
os olhos azuis sempre pedindo mais

até que enfim o ciclo todo estava posto
e numa última boca o seio pequeno meteu
dizendo *só me falta um tapa no rosto*

sessenta e quatro fotos na internet
monitorando agora *aquela* que veio e se escondeu
vagando *só* à procura dum boquete

e então ela nasceu – astro silencioso no universo –
para milhares, com o prazer que sua imagem deu
doce bebê jorrando – exposto num berço frio

MATEMÁTICA GANGBANG GIRL

há um momento no ano
que o dia dura tanto quanto a noite
há um só ponto no círculo
que a reta encosta

três buracos e duas mãos
contratei para tanto
cinco caras da mesma altura

pela frente a luz oblíqua
por trás quarenta graus
estendo as mãos e a boca agita

no ritmo de um ciclo por segundo
jorrando todos em conjunto
sustento o caldo, meço o volume
(porém mesmo com cinco
o resto é infecundo)

RAINHA AMANDO

na caverna escura com luzes roxas
ela me estendeu a mão
e mostrou-me num jogo de espelhos
curvas e maquiagens
rebolando com cobras no pescoço

vagando entre corpos, mergulhando entre folhas
do fundo do copo fez as lentes
pelas quais me olhava pedindo mais
e o leite que escorria pelos seus braços
era o creme de amor onde eu deitava

gemidos roucos, ecos de um outro mundo
entre sombras tão difíceis de precisar
mais, mais, mais ... que tudo se acabava
para em alguns minutos recomeçar
entre vestes coloridas e gotas secas perdidas

MATEMÁTICA DOS DILDOS

amarrou uma bolinha a cada vez
formando um jogo de seis
os cabelos dividiu-os ao meio
com rigor e cachos até o seio

pernas abertas
pés levantados
no começo pequenos gritos
a testar vizinhos e o eco

simetria, projeto, desenho
do prazer e do desejo
primeira bolinha, segunda, terceira
enfiou tudo até a sexta

cronômetro mede a saída: um
ronca o prazer na segunda
minúsculo trem brotando úmido
cada soluço a simetria mantém

final: a equação testada
todas as setas no ponto único
o silêncio dos sinais
repousando moles, e nulos

CÁLCULO DAS VERGASTAS

mede-se a cintura
(sessenta e três centímetros)
mede-se o quadril
(noventa e cinco centímetros)
mede-se o busto
(oitenta e sete centímetros)
a cavidade frontal
(diâmetro, cinco centímetros
profundo em vinte e um)
a cavidade posterior
(os mesmos cinco
profundos em quase trinta)

registra-se o peso
(passa o sessenta e um)
cabelos longos (cinquenta)

abre a cortina, *show*
braços nus flexionados
vergasta-se o couro
que brilha, molhado

BARROCO DISCO

mãos de ossos magros olhos fundos
cabelos amarelos sorriso dentes amarelos
vem vem a luz começa a piscar
brilho fumaça branca esse é meu amigo
olhou-me bem no fundo o salão vibrou
trabalhou o dia todo agora está
perfume cetim alegria tênis de camelô
som rouco nascido das paredes
dance love to love you baby
a fogueira nasce corre na pele
a nave dá voltas sobre nosso teto
jeans blusa solta até o joelho
brilho do sorriso gritinhos loucos
efêmeros a cada pancada cara
corre então pelo salão performance
lindas mulheres lambem orelhas
pálpebras pela metade dedinho na boca
dance to dance love to love
ritmo de queda levanta meus olhos
nos olhos verdes quero acabar
água beijos braços socos digo vem
vem que agora são só lágrimas
tão feliz acabar assim já o sol
paredes descascando pó desejo
é manhã essa rua larga deserta e fria

4

Conclusões & perspectivas.

TUDO ACABADO

todo torto todo ruim todo estragado
 mas eu vou pela calçada sob o vento
ombros para trás cabelos levantados
 lançando olhares como se fossem fogos
o mundo é meu – e meus passos de ouro
 arrebentam as pedras do luar
camisa solta peito empinado sou um ás
 minha mãe me despacha ao telefone
meu pai me despreza ao me olhar
 e mesmo assim vou cavalgando
todo ruim todo torto todo a berrar
 imensos uivos sob lágrimas e solfejos
que distribuo – pois sou um rei
 meio de lado meio mancando
acreditando que o que foi não foi
 e o que vem sou eu e será meu
mas sei que bem no fundo bem no íntimo
 bem no meio deste meu caminho vazio
depois das mulheres que amei e que esqueci
 do filho que gerei e que não vi
do meu gesto louco balançando em falso
 sou eu este seu filho pobre e ruim
seu filho todo fraco todo ruim todo acabado

ARMADOS

pênis armados estão na música urbana
rolam pela areia abandonada
dos restos da construção de pedra
onde ele xingou os céus chorando as águas

o ritmo das estacas batendo a dor
de cada hora cada segundo
onde estou farto de ti – farto de mim
rasgando as mágoas chorando os véus

passa a faca – dá um fim
naquilo que nem começo teve
senão uma triste esperança fraca
num dia cinza de uma promessa vaga

correste atrás de mim na rua
amarrada em lençóis – coberta de lágrimas
agarrada em vislumbres sob nuvens
vindas de deuses em gargalhadas

cabelos em desgrenhas – cílios em desordem
fins ali na esquina e um relógio
que me disse: *não paro para nada*
senão para o azul dos teus olhos

coração orgulhoso – não podes estourar o mundo
senão já darias fim a tudo
e sob as flores e a voz da criança
destacarias lembranças escondendo as dores

eis a coragem de um bufão suburbano
o pênis arma para a luta insana
de escarros e desgastes e cansaços
de uma suave e doce melodia urbana

UM DIA DE GLÓRIA

Este foi um dia de glória para ele.

Dois troféus numa única tarde.

E sob seus olhos houve uma chuva de luzes.

Num jogo de arena muitas as lutas.

E quando o triunfo se escreveu houveram gritos.

Pequenos poetas vieram cantar o vitorioso.

E flores novas estão dispostas no caminho.

Olhando para o alto – as estrelas logo virão.

Anunciar que seu júbilo enche de brilho

o dia longo dos admiradores derrotados.

OUSOU CRIAR UMA HISTÓRIA

criou diversas histórias e figuras
para cercar o tema do amor

colocar ao lado da realidade
uma outra construção (e se render)

olhares – idéias dispersas – um foco
pouco nítido onde a vítima cai

para então (olhos densos) pedir
que lhe dê um pouco de carinho

e ele estava ali implorando
segurando essas colunas flácidas

que se desfazem ao toque do vento
essa construção que ousou rivalizar

com o que é frio – seco – constante
e à nossa revelia segue adiante

ousou criar histórias – e com isso
trazer beleza ao que com beijos corou

mas esse encanto (obra marginal)
desvaneceu num triste e breve adeus

NO ENTRE

também deverei dizer adeus
adeus à horta desprotegida
aos olhos humildes do cão
às três pequenas árvores

adeus meio-dia e meia-noite
e aos buracos da promessa
no Entre que se esquece
no Entre que se espera

adeus partida adeus chegada
caminhar de costas na calçada
adeus lutar pelo que vem
adeus chorar pelo que vai

que até amanhã tudo passe
nem cante nem ouça nem fale
serei secreto, serei sombra
adeus luz da oculta face

(DOCES MENINOS)

pequeno filho do silêncio
grita em seu contrário

já conhece todo o mal
apesar de tão jovem

fechado sob o si
na dor é onde ri

tão jovem, tão duro
porém doce e úmido

rasga em si o que dói
pequeno filho do que foi

SACADA DA COBERTURA

depois do amor nos debruçamos na janela
a neblina tomando conta da noite
o vidro embaçado pelo hálito

lá embaixo os riscos da vida lentamente
um homem e o filho carregam sacos
velhos de plástico vindos do mercado

perfis de montanhas, o palpitar da pele
a gota de suor descendo entre os pêlos
vibrando ao vento até os lábios latejantes

um atravessar de ruas, uns olhos negros
foi preciso todo um conjunto de fatos
para que nós nos perguntemos: *como?*

se cada ponto sempre é um resumo
se cada lampejo sempre é um espanto
mesmo crescendo o tempo é sempre tão pequeno

COMO TODO

como todo poeta anônimo
amo também este esquecimento
este espaço vazio e imenso
este destino inglório
impessoal
desprovido de deuses e objetivos
amo este imenso espaço
rodando num lento rio
peitos pele saliva músculos desejos
à revelia

VERBOS

(puro e bom é o amor)

à tarde a luz do sol se acaba
e amanhã ela volta pelo outro lado
na areia os grãos se movem com o vento
a espuma do mar balança na brisa
agora a folha verde vibra no calor
o sol arranca de si mesmo o fogo
no trajeto de se acabar porque se gasta
e sua face, seus olhos cheios de luz
estão resplandecendo na face da água
desde muito longe – desde muito perto
e quando eu levantei tudo estava ali
e quando eu for deitar, tudo ali estará
esperando seu amor